

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA PORTA DE EMERGÊNCIA PARA O MERCADO DE TRABALHO

Mariana Teixeira Silva de Moraes¹
Nayana Samara Cunha Silva²
Thalysson de Sousa Oliveira³
Eláinne Márcia Lima⁴

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos surge como uma modalidade dedicada àquelas pessoas que, por algum motivo, não tiveram acesso ou não concluíram o ensino regular na idade apropriada. No geral, os sujeitos a quem se destina esse modelo estão em uma situação de exclusão e marginalização da sociedade, como por exemplo, as pessoas que abandonaram os estudos por necessidades socioeconômicas. Nesse sentido, o papel fundamental da EJA é permitir que esses sujeitos tenham acesso a uma educação de qualidade e desenvolvam uma consciência crítica acerca da realidade, de modo que as disparidades sociais e aqueles contextos de marginalização em que eles se encontravam sejam superados, ou ao menos atenuados.

Porém, o que se vê atualmente nos ambientes nos quais a modalidade da Educação de Jovens e Adultos se desenvolve é a perspectiva crítica da educação sendo deixada de lado e seu lugar sendo ocupado pela formação com o enfoque no mercado de trabalho. Isso porque as demandas dos cargos trabalhistas estão cada vez mais exigentes. É necessário que os profissionais tenham formação educacional básica, desse modo, devem saber ler e escrever, e, além disso, também exige-se que tenham inúmeras especializações de acordo com o cargo estabelecido. Por esse motivo, jovens e adultos buscam uma modalidade de formação para iniciar suas jornadas neste novo e rígido mercado, e nesse processo a EJA acaba se tornando uma porta de emergência para o mercado de trabalho.

Assim, a perspectiva emancipatória da EJA é esquecida em prol do caráter emergencial desta. Isto é, uma das principais funções da educação, a de questionamento e transformação da realidade vigente, é encoberta pelos interesses voltados ao capital. Nesse sentido, o presente trabalho bibliográfico objetiva dialogar sobre essas questões, onde a Educação de Jovens e Adultos é vista como formação emergencial para o mercado, atravessando discussões sobre a própria modalidade, o trabalho e a educação para emancipação.

METODOLOGIA

Este trabalho foi constituído a partir de uma pesquisa bibliográfica, onde houve uma revisão sistemática da literatura voltada à modalidade da Educação de Jovens e Adultos e,

¹Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí - UFPI, marianatxsm@gmail.com;

² Graduada do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí - UFPI, nayanasaracunha@gmail.com;

³Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí - UFPI, thalysson549@gmail.com;

⁴Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí - UFPI, elainnemarcia@gmail.com.

sobretudo, aos seus impasses relacionados ao mercado de trabalho. Além disso, também foram consultados dados estatísticos sobre a EJA, de modo que pudessem não só fundamentar como também exemplificar a ideia aqui desenvolvida.

Os dados estatísticos utilizados são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), parte da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad). Já as referências bibliográficas consultadas são de fontes diversas, e possuem uma função muito importante pois trazem um embasamento científico ao trabalho, fundamentando e acrescentando mais conhecimentos à discussão sobre a Educação de Jovens e Adultos como “entrada” para o mercado de trabalho.

DESENVOLVIMENTO

O Brasil é marcado por grandes desníveis sociais, e quando comparado a outros países da América do Sul se encontra atrasado em contexto político e econômico. Grande parte da população brasileira se encontra em situação de pobreza e sem acesso a uma educação de qualidade e igualitária, tudo isso ligado a uma política elitista e de exclusão. Resultante disso, 32% de sua população maiores de 14 anos não completaram o ensino fundamental, correspondente a segunda etapa da educação básica que dura nove anos, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estatísticas que fazem parte da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad). A grande parcela do público que compõe essa estatística, que são as mulheres, os negros, os homossexuais, o homem da roça, passam a constituir o programa Educação de Jovens e Adultos, modalidade esta que vem como uma forma de (re) inclusão.

A modalidade focaliza alunos pertencentes às classes sociais que vivem em situação socioeconômica precária, que por algum motivo tiveram o seu direito à educação violado durante o seu ensino fundamental ou médio, além de estar destinada a pessoas que se quer tiveram acesso ao ensino e a cultura letrada. Em sua maioria, esses educandos já estão inseridos no mercado de trabalho, de forma informal, ou pretendem ingressar.

No mundo globalizado ao qual nos encontramos, com um avanço das forças produtivas e um mercado voltado para o capital, além de ser o século da competitividade, é essencial que estejamos preparados para o mercado de trabalho a partir de especializações, cursos técnicos e profissionalizantes. Essas novas tecnologias e sistemas organizacionais exigem trabalhadores mais versáteis, capazes de compreender o processo de trabalho como um todo, dotados de autonomia e iniciativa para resolver problemas em equipe (RIBEIRO, 2001. p. 37). Saber a atual política capitalista e neoliberal é reconhecer que os jovens e adultos trabalhadores iletrados, se encontram em trabalhos informais, fora de uma sociedade igualitária, onde cada vez mais são oprimidos, explorados e sujeitos a uma liberdade em constante limitação.

As exigências da sociedade contemporânea resultam na retomada do ato de voltar à escola e a estudar, essa volta é motivada por diversos fatores, muitos estudantes trazem a necessidade do seu diploma de escolarização, a necessidade de entender e se expressar melhor, uma vez que, muitos dos que não a frequentam não são reconhecidos socialmente, além de serem tachados como fracassados pela sociedade, passando a viver a margem dela. Não obstante a isso, possuem o desejo maior, o de qualificação para um melhor/maior desenvolvimento intelectual visando à entrada no mercado de trabalho como uma forma de ascender socialmente. Devido a essa realidade, a EJA surge como uma porta de emergência para o mercado de trabalho.

Resultante das disparidades socioeconômicas existentes na sociedade, com a precarização do trabalho e a exploração da mão de obra, a modalidade acaba por suprir a necessidade do mercado competitivo, tendo que moldar um estudante dotado de multifuncionalidades. Assim, não desempenha o seu objetivo, tendo que proporcionar um

ensino voltado para a qualificação desses estudantes, além de não deixar apagar o sonho e a esperança de viver um futuro promissor, pois para muitos jovens, segundo Arroyo, (2017) o futuro se distanciou e o presente cresceu. Para eles, não adianta estudar se o futuro continua incerto. Por essa razão, é essencial que a escola e todo o corpo docente que a compõe, pensem em estratégias e estejam preparados para receber esses, que mesmo sem alguma perspectiva, decidem continuar sua jornada escolar e os qualifiquem para um mercado cada vez mais exigente. Mas apesar das exigências para o mercado, a EJA encontra em seu currículo uma metodologia que nega e dissocia conteúdos ligados ao mundo profissional, o que resulta na desistência de muitos alunos.

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade formada por um grupo heterogêneo de pessoas, do ponto de vista sociocultural, os mesmos possuem diferentes identidades, valores, saberes e crenças. A modalidade deve se apoiar em uma educação cujo currículo reconheça a realidade de seus alunos, as experiências de vida e a visão de mundo dessas pessoas, de forma que os conteúdos ministrados em sala de aula tenham um caráter libertador, desenvolvendo as capacidades intelectuais e possibilitando a formação desse sujeito em suas múltiplas dimensões. A EJA deve ser utilizada como um instrumento de transformação da sociedade, e não como um instrumento de manutenção da sociedade capitalista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

José Bezerra da Silva (2017, pg. 243) destaca uma função primordial da educação:

“Um dos papéis da educação é plasmar as consciências das pessoas humanas com valores, princípios e costumes. Noutras palavras, é adaptar as consciências das novas gerações às determinações das gerações mais antigas. Apesar do intenso esforço da classe dominante para recheiar as consciências dos estudantes com princípios, valores e costumes específicos por ela produzidos, esse processo não é e nunca será linear ou unívoco. Assim, há muitas fissuras por meio das quais é possível uma práxis educativa eminente emancipadora, em contraponto às práticas educativas consubstanciadas na manutenção do modelo social vigente.”

Para ele, um dos objetivos da educação é moldar o sujeito à partir de aspectos definidos pelo contexto social. Nesse sentido, existe a grande possibilidade da educação limitar o indivíduo, tendo em vista que os interesses da classe dominante, geralmente, são vistos como universais e os sujeitos são educados por meio destes. Porém, ainda assim, Bezerra acredita que existam “fissuras” onde é possível a construção de uma práxis educativa emancipadora. Esta práxis emancipadora se contrapõe ao modelo educacional em que o alvo é a manutenção do contexto de desigualdade vigente. É por meio dela que o educando desenvolve a autonomia do seu processo de ensino e aprendizagem, toma consciência da realidade em que vive e tem a capacidade de quebrar grilhões e transformar a sociedade.

Ao fazer uma relação com o impasse da Educação de Jovens e Adultos aqui discutido, percebemos que a perspectiva da EJA onde o intuito é a formação para o mercado de trabalho faz parte dos interesses da classe dominante. Isso porque uma modalidade de educação voltada para jovens e adultos analfabetos ou semi analfabetos, que tem princípios políticos de emancipação e transformação social, balançaria as estruturas de modo que esta classe imperante estaria à passos de perder alguns de seus privilégios.

De fato, é verdade que existe uma demanda emergencial de formação para pessoas que se encontram à margem da sociedade. Muitas precisam amparar as suas famílias mas só tem acesso à empregos informais, ou nem mesmo isso, pois as empresas exigem uma formação cada vez mais especializada, e aqueles que não possuem essas formações são descartados. Entretanto, é importante que a modalidade educacional voltada para essas pessoas

marginalizadas não se atenha somente ao mercado de trabalho e ao capital, pois será mais uma forma de manter o clico que só favorece quem já está no poder.

Portanto, percebe-se que a educação tem a capacidade de assumir tanto o papel de manutenção da realidade vigente, quanto de contraposição à mesma. Entendemos a importância da práxis educativa humana, que combate a alienação, critica as disparidades socioeconômicas e articula-se em busca de uma sociedade igualitária. É esta concepção a ideal para a Educação de Jovens e Adultos, que já é uma modalidade de classes marginalizadas, justamente aquelas que estão na base da sociedade e carregam o peso das desigualdades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na discussão desenvolvida neste trabalho, buscou-se apresentar um dos obstáculos da modalidade da Educação de Jovens e Adultos, a perspectiva de que a EJA representa uma porta emergencial para o mercado de trabalho, o que acaba prejudicando seu real objetivo. Ao se deparar com um contexto em que o índice de desemprego é crescente e que para ascender socialmente é necessário estar inserido neste mercado de trabalho exigente, o jovem e/ou adulto brasileiro, iletrado ou analfabeto funcional, procura na EJA uma saída para essa nefasta realidade. Esta modalidade da educação acaba tornando-se uma porta de emergência para o mercado de trabalho. Desse modo, os conteúdos e metodologias aplicados não necessariamente auxiliam na educação integral do sujeito, mas sim estão direcionados aos conhecimentos fundamentais visando à inserção no sistema de trabalho.

Nesse sentido, é importante sim que se compreenda a importância, no contextual atual, da formação para o mercado de trabalho em razão desta emergência dos jovens e adultos, que, de fato, possuem maiores responsabilidades socioeconômicas no seio familiar. Porém, para além disso, também é essencial que o poder de transformação e emancipação educacional não seja esquecido ou camuflado.

A educação é um caminho onde se toma consciência dos processos políticos e sociais em que vivemos, e esta consciência se converte em luta, transformação e emancipação social. É nessa perspectiva que Paulo Freire (1996, pg. 72) escreve: “Não basta saber ler que ‘Eva viu a uva’. [...] É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho.” Ou seja, é necessário que se compreenda as entrelinhas da linguagem, o contexto social e histórico do que está sendo lido, escrito ou falado, para que, assim, não se perca o ideal de engajamento e liberdade que a educação tanto emana.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Mercado de Trabalho, Emancipação.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa** / Miguel G. Arroyo. – Petrópolis. RJ : Vozes. 2017.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire: Uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez, 1996. Pg. 72.

RIBEIRO, Vera Maria M. **Educação para jovens e adultos: ensino fundamental: proposta curricular 1º segmento** / coordenação e texto final (dc) Vera Maria Masagão Ribeiro; - São Paulo: Ação Educativa: Brasília: MEC, 2001. 239p

SILVA, J. B. **A educação como práxis emancipadora.** In: Aline Soares Nomeriano; Edna Bertoldo; Renalvo Cavalcante Silva; Vicente José Barreto Guimarães. (Org.). **As políticas educacionais no contexto dos limites do estado e do capital em crise.** 1ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2017, v. 1º, p. 243.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pnad – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, 2019.** Disponível na internet via: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/05/16/35percent-dos-brasileiros-com-mais-de-14-anos-nao-completaram-o-ensino-fundamental-aponta-ibge.ghtml>. Arquivo consultado em: 29 de setembro de 2019.